



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

TESTEMUNHAS DO DEUS DE JESUS NUM MUNDO HUMANO: nossa contribuição na humanização e nossa opção pela pessoa

Falar de humanidade, de condição humana, de pessoa, não é fazer referência a uma teoria, mas é trazer à mente, ao coração e à memória, milhares de rostos concretos que já constituem parte de nossas vidas e daquilo que somos. Por isso, ao iniciar esta reflexão sobre as contribuições que a Vida Consagrada pode dar à humanização e à aposta que deve fazer sobre a pessoa, me vêm à memória aqueles religiosos e religiosas com os quais partilhei anos difíceis na Guatemala, mas com os quais igualmente vivenciei uma das experiências mais encantadoras de humanidade, de proximidade de gente sofredora, de opção pelos pobres e de martírio. Com todos os equívocos e ambiguidades inerentes a uma situação política complicada, a comunhão na dor e no sofrimento, o bem das pessoas, a partilha de sua insegurança, o estar sujeito à mesma sina que eles, tudo isso me parece suscetível de ser uma parábola de como vivenciar nosso seguimento de Jesus, e dar continuidade à missão que Ele sintetizou com aquelas palavras do Evangelho de João: “*Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância*” (Jo 10, 10).

Enzo Jannacci, o médico chefe que se define pessoalmente como *ateu leigo muito imprudente*, ao comentar o caso que provocou a polarização e dividiu a Itália sobre a interrupção da alimentação e hidratação de Eluana Englaro, numa entrevista ao *Corriere della Sera*, dizia: “*Nestes últimos anos, para mim, a figura de Cristo chegou a ser fundamental: é o pensamento de seu fim na cruz que me torna impossível até mesmo a idéia de ajudar alguém a morrer. Se o Nazareno voltasse, ele nos agrediria a todos a bofetadas. Nós o merecemos, eis-me aqui!, mas, também temos tanta necessidade de alguma de suas carícias*”.¹ Acredito que responder a essa necessidade cabe, sobretudo a nós, religiosos e religiosas. Nossa vocação e nossa missão é tornar palpáveis as carícias do Nazareno, que assumiu nossa natureza humana, que quis ser um dos nossos, que foi apresentado ao povo judaico por Pilatos, com estas palavras: “*Eis o homem!*” (Jo 19, 5).

Nas palavras do Vaticano II pertencemos à *vida e santidade* da Igreja e não à sua *estrutura hierárquica* (LG 44), assim cabe a nós ser o coração. Somos estabelecidos mais para nos identificarmos com João, o discípulo amado e amante, do que com Pedro, o chefe, como a religiosa brasileira Lúcia Weiler, refere com muita beleza.² Por vocação, o nosso compromisso é ser o rosto mais humano e compassivo da Igreja. Nosso compromisso é continuar tornando a cada dia realidade “*a bondade de Deus, nosso Salvador, e seu amor pela humanidade...*” (cf. Tt 3, 4).

A Vida Religiosa nasceu como um modo de ser alternativo para apresentar alguns valores diferentes na maneira de ser e de viver. Em face da degeneração do espírito cristão, do fervor evangélico nas primeiras comunidades, alguns “*se sentiram motivados a abandonar aquele tipo de vida e de convivência com os demais cristãos, a refugiar-se no deserto e ali iniciar outro modelo alternativo de*

¹ Corriere della Sera, sexta-feira 6 de fevereiro de 2009, pág. 3.

² Cf. Vida Religiosa, dezembro de 2008, nº 10, Madrid, págs. 22 a 28.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

viver a fé em Jesus Cristo".³ Valorizaram mais o "ser" do que o "fazer" para transformar a sociedade e esta era sua principal preocupação.

Desde então, muitas coisas mudaram e a Vida Consagrada, bem como todas as instituições sociais e eclesiais, evoluiu e teve suas épocas de ouro, outras de prata e também algumas de argila. Mas, a intuição fundamental – a Vida Religiosa como alternativa – parece real e continua sendo válida. Entramos no século XXI com muitos problemas de todos os tipos que, em vez de estarem diminuindo à medida que adentramos o novo século, dão a impressão de se estarem agravando. De maneira particular, chama a atenção a degeneração do humanismo e o desrespeito pela pessoa humana em sua integridade e dignidade, sempre fim e nunca meio.

Na Carta Apostólica "*Novo Milennio Ineunte*", João Paulo II indicou que a Igreja, neste novo século "*deve apostar na caridade...projetando-nos rumo à prática de um amor ativo e concreto a cada ser humano*" (Nº 49). Isto significa que a Igreja tem de ser humana e dar testemunho do Deus de Jesus, misericordioso e compassivo, sempre próximo do pobre *concreto e daquele que sofre*. E prossegue dizendo que é preciso fazer isto com "*imaginação e criatividade*" (Nº 50), de modo que todos vejam que têm mãos e pés que são os nossos. Tudo isto nada mais é do que o velho adágio de que Jesus se serviu: "*Vinho novo em odres novos*" (Mc 2, 22). Por conseguinte, temos necessidade de novos paradigmas que proponham e digam algo às novas gerações.

Que esta breve introdução sirva para indicar que é certo que a Vida Consagrada tem de contribuir com muitas coisas e valores para o mundo de hoje. O mais urgente, porventura não será, com um pouco mais de humanismo devido ao grau de violência, terror e morte que nos ameaça por todas as partes do mundo. Isto exige mudanças estruturais profundas por parte da Vida Consagrada. Por que precisamente o humanismo e tudo aquilo que o torne possível?

1. Desumanização

Existem muitos conceitos e objetos que são entendidos e apreciados com mais clareza, nos diversos matizes que podem ter por seus contrários. Assim, o frio pelo calor, a cor branca pela cor preta. Também podemos entender melhor o humanismo, fixando-nos brevemente no termo "desumanização".

Quando, em 20 de janeiro deste ano (2009), Ban Ki-Moon, Secretário Geral das Nações Unidas, visitou a Faixa de Gaza depois de 22 dias de ofensiva militar por Israel, exclamou: "*Não tenho palavras para descrever o que sinto ao ver este lugar*". E prosseguiu empregando qualificativos que, um como o outro, são verdadeiros tratados sobre aquilo que a desumanização versa: "*Trágico*", "*escandaloso*", "*absolutamente inaceitável*", "*frustração extrema*"...

Estas palavras, reações em face de uma situação cruel, infelizmente não refletem apenas a desumanidade da guerra, seja ela qual for. Expressam muito bem, igualmente, o que vem acontecendo a cada dia, em alguns países da América Latina. Já não é questão de excluir ou matar a quem é considerado inimigo ou um estorvo, restringir sua liberdade pelo medo ou o terror, mas, a forma como as coisas estão

³ J.M. Castillo, El futuro de la Vida Religiosa. De los Orígenes a la crisis actual. Trotta, Madrid 2003, pág. 33.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

acontecendo em muitos casos, ultrapassa o imaginável. Aparecem corpos mutilados, esquartejados, cadáveres com sinais de maus-tratos inerranáveis; ameaças e extorsões que paralisam não somente as pessoas que as sofrem, mas também as famílias e bairros inteiros, forçando-as a fugir sem saberem para onde. Juntamente com isto, deparamos que os empobrecidos a cada dia que passa, vão ficando mais e mais pobres pela simples razão que também cada dia os exclusivismos são mais frequentes, a ânsia de fazer aparecer uma imagem social, familiar, de um modo de viver ou de empresas privilegiadas.

E, o quê dizer da falta de humanismo que impera entre os cartéis das drogas ou das gangues? Matam com a mais absoluta frieza e insensibilidade. Um jornalista perguntou a um membro de gangue, Aníbal Juárez López, de 18 anos: *“O que você sente quando dispara sua arma?”* Ele respondeu: *“Quando mato não sinto medo nenhum, nem compaixão nem nada. Sinto-me normal. O que a gente pode sentir?”*⁴

Mas, a insensibilidade e a inumanidade não chega somente às camadas que poderíamos denominar de baixas, sem alusão alguma à exclusão ou desprezo, mas somente à condição social. Há muitos níveis ou círculos que tão somente têm o rosto da falta de humanidade, como a corrupção, tão globalizada e enraizada nas estruturas governamentais e empresariais da América Latina e no sistema financeiro que caracteriza o movimento do sistema e a estrutura social no âmbito mundial. Basta recordar o caso recente de Bernard Madoff, ou os salários milionários de executivos bancários. Isto tem sido uma das principais causas da ruína de um sistema que muito se parece com o sonho de Nabucodonosor, cujo significado futuro Daniel fora chamado a interpretar ao soberano: *“Viu uma estátua com a cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, canelas de ferro, e os pés, parte de ferro e parte de barro (cf. Dn 2, 28b-35).* Por isso, a estrepitosa quebradura da estátua nada teve de estranho.

Não podemos fixar os olhos somente para fora. Dentro da nossa Igreja, ainda que não sejam freqüentes extremos de desumanização que beírem a degeneração, algumas vezes, encontramos casos de escassez de sensibilidade e de compaixão, mas exclusão e dureza. Exemplificando, em alguns casos a marginalização da mulher, em outros a maneira de enfrentar as suspeitas contra certos teólogos, o tratamento por vezes dado aos divorciados, ou a convivência com os poderosos, e o falatório que ignora as massas famintas... Estas exemplificações da vida real são suficientes para entender melhor do que teorizando, o que significa falta de humanismo ou desumanização.

Partindo de que a Vida Consagrada é para *“ser diferentes”*, não em sentido exclusivista, mas propositivo e profético de um estilo de vida mais humano, perguntemo-nos o que entendemos por *“humanismo”*, para ver se o estilo de vida Consagrada atual responde a essa categoria, e aonde tem de dirigir-se para que responda.

2. Humanismo

Partimos da convicção de que formamos parte da Igreja que se quer apresentar como *“perita em humanidade”*.⁵ Por conseguinte, o humanismo que deve caracterizar a Igreja em seus membros e

⁴ El Periódico, Guatemala, 5 de fevereiro de 2009, pág. 2.

⁵ Discurso de Paulo VI nas Nações Unidas, 20 de abril de 1965, nº 3.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

instituições, não é algo que podemos tomar ou deixar, reconhecer-lhe importância ou não, porém dimensão fundamental e parte integral de sua identidade, por ser a presença histórica de Jesus, humano por excelência. Empregando termos escolásticos, o humanismo na Igreja, deve ser a *forma* que reveste a *matéria*.

Nesta sociedade em que até mesmo dá vergonha ser pessoa devido às atrocidades que nela se perpetram, o quê significa “humanismo”? Seguindo Jacques Maritain, é tudo aquilo que faz a pessoa verdadeiramente humana, buscando aquilo que possa enriquecê-la. E, ao mesmo tempo, a estimula para que na história realize o ideal de justiça e de comunhão que alivie a dor do próximo. - A visão de humanismo de Maritain é interessante, porque não trata somente de crescer espiritualmente e aperfeiçoar-se humanamente, mas de *aliviar a dor do mundo*”. Isto significa, apresentar um modelo de sociedade mais humano para que não haja tantas vítimas nem se derrame tanto sangue, e onde todos possam viver com dignidade e encontrar um sentido para suas vidas.

De acordo com isto, quais características deve ter o humanismo que a Vida Consagrada vivencie e pratique? Lembremos um texto do Vaticano II que apresenta Jesus como “*homem perfeito*”, isto é, humano por excelência: “*Jesus é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado... Por sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana e amou com coração humano*” (GS 22). Estas palavras incorporam aspectos não somente da condição humana de Jesus, mas também do seu humanismo (bondade, sensibilidade, compaixão, misericórdia,...), e de onde esse humanismo brotava, o que a Vida Consagrada também deve ter em conta para ser sinal de Humanismo:

1. Reconhecer a **filiação divina** restaurada por Jesus. Isto significa, a relação que nos une a Deus como Pai. Conseqüência Elemental desta verdade é que, a Vida Consagrada, para ser realmente humana, assim como Jesus, tem de estar aberta à paternidade de Deus e a filhos de Deus, que são todos os seres humanos; ao mesmo tempo ir em busca do crescimento espiritual para uma união mais íntima com Deus Pai-Mãe, e a perfeição humana para estar mais próxima dos homens; cuidar das coisas de Deus, como a natureza, e colaborar, com eficácia, para tornar presente o Reino; ser plenamente humana e plenamente habitada pelo Pai.
2. Estar consciente da **unidade com todo homem**, de formar parte da humanidade. Isto é, ter consciência comunitária do nosso ser irmãos e irmãs. A pessoa não está sozinha. É um ser social por natureza, aberta aos outros que todos são semelhantes e, portanto, parte da mesma natureza. Por ser parte da mesma humanidade, a Vida Consagrada não está dispensada de considerar os êxitos e os fracassos humanos como próprios. O que, isto sim, deve fazer é promover humanismo: “*Eu não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno*” (Jo 17, 15). Ser religioso ou religiosa não significa refugiar-se numa redoma para não tomar tento dos problemas do mundo, sem encarnar-se nele para humanizá-lo e efetivar o Reino de Deus. De qual outra maneira podem os religiosos ser significativos no mundo? O quê significa ser “*sal da terra*”, exigência para todo cristão e para todos os que optam radicalmente pelo evangelho?
3. **Trabalhar**. O trabalho da pessoa deve ser voluntário e consciente. Para viver é preciso trabalhar (cf. *2Tes 3, 10*) e fazer isto com plena liberdade e eficácia para o bem das outras pessoas, O trabalho



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

dignifica e realiza o homem e a mulher, e os une com o mundo do trabalho, especialmente aqueles que trabalham muito para mal conseguirem sobreviver. O trabalho é uma lei da qual ninguém, mais especialmente na Vida Consagrada, deve sentir-se dispensado e ser uma carga para os outros. Acaso, seria dignificante ou uma *alternativa* social viver de esmola e depender de benfeitores?

4. **Refletir**, pensar, como Jesus fazia. Parece o mais natural, mas é o mais difícil. Vivemos num mundo em que os meios de comunicação, o ruído, a urgência, a azáfama, as estruturas... nos impedem de pensar. E, aquele que não pensa não é dono de sua existência e a deixa à mercê de outros. Isto acontece em todos os níveis e também na Vida Consagrada, onde um falso conceito de “superior-súdito”, pode levar a pôr a própria responsabilidade na autoridade. Calderón de la Barca expressou a importância de manter um pensamento próprio e coerente, neste teor: “*Quem vive sem pensar, não pode dizer que vive*”. Será que isto não é preocupante? Acaso Jesus não pensou e repensou o anúncio e a realização da Boa-Nova do Reino?
5. **Atuar** buscando o bem dos outros. Esta é a característica que distinguiu a Jesus Cristo, o “*homem perfeito*”. Quando Pedro anunciou aos judeus a Ressurreição, resumiu a vida de Jesus nestas palavras: “*Por toda parte, Ele andou fazendo o bem*” (At 10, 38). E os variados sumários da atuação de Jesus que os Evangelhos nos apresentam, resumem-se em *curar e libertar* (cf. Mc 1,31). A fé, a religião, a espiritualidade, não são conceitos teóricos, mas profundamente práticos. Esta dualidade *conceito-prática* indica o processo pelo qual uma *teoria* se converte em parte da *experiência* vivida. Aplicando isto ao nosso caso, a Vida Consagrada não se pode contentar com belos conceitos e ideias religiosas, carismas e espiritualidades. Seja qual for a forma em que se viva, tem de ser provada e experimentada no mundo real depois de uma contemplação reflexiva. Por isso, Ramón Panikkar afirma que a mística “*não é uma especialidade de alguns seres humanos, mas uma dimensão essencial do homem*”. Seu ser e seu fazer, o espírito e o corpo, o que pensa e o que faz, formam uma unidade.⁶
6. A última qualidade humana que o Concílio cita, mas a primeira na ordem da importância é o **amor**. É uma qualidade da pessoa madura e equilibrada. O amor a Deus não é algo que separa, mas que une. São Paulo, no hino da caridade (cf. *1 Cor 13, 1-13*), assinala sua centralidade e como atua aquele que ama verdadeiramente. Quem ama a Deus tem de interessar-se necessariamente por tudo o que é de Deus e fazer-se tudo para todos (cf. *1 Cor 9, 22*), desculpando e aguentando sempre. O amor traz consigo assumir e viver os valores que sejam fermento de uma sociedade mais humana, como a austeridade solidária, a abertura ao outro, a igualdade generosa e a acolhida indiscriminada. O amor sempre é solidário. Por isso, a Vida Consagrada, para ser humana e humanizar, deve solidarizar-se com e pelos pobres, com os menos amados e com aqueles que têm a vida ameaçada, lugar desde o qual Jesus atuou e amou. A medida de que um é mais humano e pode fazer mais humanos aos outros, manifesta o grau de amor que se tem.

2. Em que pode a Vida Consagrada contribuir para a humanização e a pessoa?

Chegamos ao ponto-chave do tema que nos ocupa: na atualidade, será que a Vida Consagrada apresenta uma *alternativa* para a desumanização? Em suas estruturas e estilo de vida, será que ela responde à necessidade impostergável de humanismo que o mundo de hoje tem? Quem vir tanta desumanização e se acercar da Vida Consagrada porque quer encontrar uma alternativa, será que a

⁶ Da Mística, Experiência plena da vida, Ed. Herder, Barcelona, págs. 34-35.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

encontrará? Não me refiro em teoria, mas na prática. Teoricamente, é claro, a Vida Consagrada pode contribuir com humanismo e humanizar, mas na prática nem sempre é evidente. Com efeito, vemos alguns casos, tanto de pessoas como de comunidades, que apenas têm vida, vivem sem propostas e sem utopias, e não podemos afirmar que sejam plenamente humanas.

É difícil fazer ajuizar globalmente acerca do testemunho de humanismo do Deus de Jesus que, atualmente, a Vida Consagrada dá. Há de tudo, comunidades e religiosos e religiosas que são sinais proféticos de humanismo, e outros (estruturas e pessoas) que mais parecem estar dando testemunho de um clube exclusivo e fechado a seus próprios interesses.

É iluminador reler os *bloqueios* a que foi feita referência no Congresso Internacional da Vida Consagrada celebrado em Roma no ano de 2004. Evidentemente, não podemos fechar os olhos aos sinais de vitalidade, e é preciso reconhecê-los. Infelizmente, porém, naquilo que se refere ao testemunho de humanismo num mundo inumano, aparece mais aquilo que o oculta e o torna inviável. À guisa de exemplo, um dos grupos formados para refletir sobre os sinais de vitalidade e os de bloqueio, fez a seguinte indicação: “... Outros vivem como se estivessem em um hotel, não atraídos pela vida comunitária. Ainda que, supostamente, todos os religiosos e religiosas sejamos adultos, a carência de maturidade psicológica leva a muitos e muitas a uma incapacidade para vivenciar a corresponsabilidade e animar a vida comunitária e a autoridade. O medo pelo desconhecido paralisa a capacidade de muitos religiosos e de muitas religiosas a dar uma resposta ao novo”⁷ Precisamos retornar às raízes originais da Vida Consagrada para que ela seja *alternativa* não de estilo de vida social, mas de vida evangélica. Tendo isto em conta, para responder à pergunta de se a Vida Consagrada é portadora ou não do amor humano de Deus manifestado em Cristo, vou indicar algumas pautas que sirvam de referência.

4. Pautas para discernir o testemunho de humanismo da Vida Consagrada

Mais que ajuizar criticamente aquilo que falta ou que sobra para que a Vida Consagrada seja testemunha de humanismo, versarei sobre este ponto de forma propositiva. Apresentarei alguns aspectos que tornam possível a sensibilidade e o humanismo de qualquer grupo ou pessoa a partir da óptica cristã, isto é, com os olhos fixos em Jesus Cristo, “*que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição*” (Hb 12, 2).

1. Espiritualidade

O texto que segue expressa muito bem o que tornou possível a Jesus ser humano, e o que a vida Religiosa tem de fazer para o ser por sua vez. Talvez seja um pouco longo, mas vale a pena: “*A chave da humanidade de Jesus está na sua espiritualidade. Isto significa que Jesus é tão profundamente humano por causa do relacionamento tão frequente e profundo que teve com a fonte de toda humanidade. A condição humana, assim como de fato existe - mesclada e fundida com o inumano e com a desumanização – não se faz idéia como um homem, que “aparecendo como qualquer homem” (Fl 2, 7), fosse tão plenamente humano que nele não houvesse qualquer inumanidade. Por isso Jesus precisou*

⁷ Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade, Ed. Paulinas, Madrid 2005, pág. 340.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

*recorrer tantas vezes ao Pai. E é por isso que nós todos, se quisermos de verdade ser profundamente humanos e sintonizar em tudo o que é lididamente humano temos de fazê-lo também”.*⁸

É preciso acrescentar pouco, a não ser que tudo o que impeça, pessoal ou estruturalmente, esta espiritualidade, não é viável de ser testemunho de humanismo. Convém lembrar que a espiritualidade de Jesus não se forjou somente nas práticas rituais regidas por leis, mas nos momentos solitários de oração, na intimidade com o Pai, como tantas vezes os Evangelhos referem.

2. Estar atentos aos ”sinais dos tempos”

Um estilo de vida humana num mundo inumano, não pode ser vivenciado sem estar atento aos acontecimentos. Jesus Cristo fez referência a isto aos primeiros discípulos, quando lhes propôs uma forma de viver alternativa e os tachou de não prestar atenção a eles: *“Hipócritas!... Sabeis avaliar o aspecto da terra e do céu. Como é que sabeis avaliar o tempo presente?”* (Lc 12, 56). O Vaticano II considera os *sinais dos tempos* como *“manifestações dos planos de Deus”*(GS 11). É claro que podemos indicar muitos. Mas, neste tempo, há um ao qual devemos prestar especial atenção por sua amplitude e as consequências que traz à sociedade e, com certeza, não deixa de trazer à Vida Consagrada: a crise econômica.

A Vida Consagrada não pode permanecer indiferente nem à margem dessa crise. Não somente, porque de uma forma ou de outra se vê afetada por estar presente no mundo, mas por razões bem mais importantes. O mundo está mergulhado numa crise de perturbação econômica sem precedentes, e as famílias se estão perguntando como fazer face a essa crise, como ajustar seus mínimos ganhos à austeridade imposta. A Vida Consagrada também deve perguntar-se, não apenas se foi afetada em seus investimentos, mas também de que maneira se deve integrar na vida concreta de cada dia. Que comunidades ou instituições se puseram em condições de resolver os problemas de mudanças e de estilo de vida em que esta crise envolverá os religiosos e as religiosas para oferecerem alguma alternativa humana a um mundo tão perturbado?

3. Criatividade para estabelecer novas estruturas

A Carta Apostólica *Novo Milennio Ineunte*, fez referência à *“imaginação e à criatividade”* em face dos desafios que o novo milênio apresenta. Considerando que a estrutura é como o molde do conteúdo, é necessário fazer uma mudança profunda das estruturas da Vida Consagrada em todas as categorias: Geral, Provincial e Comunitária. Adotar mudanças passíveis de criatividade, capazes de apresentar os carismas com estruturas humanizantes que colaborem eficazmente para apresentar outra sociedade mais humana, que não infantilizem as pessoas, mas as façam crescer e vir a ser aqueles que tenham lugar na Igreja que almejamos. Podemos aplicar-nos as palavras que o Concílio Vaticano II expressou como um desafio a todos os que têm fé: *“ Podemos pensar com razão em depositar o futuro da humanidade nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações de amanhã razões de viver e de esperar”* (GS 31).

⁸ J.M. Castillo, *La religión de Jesús*, Ed. Desclée de Brower, pág. 91.



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

Há religiosos e religiosas que vivem um drama entre sua realização pessoal e o institucional, que, muitas vezes, os impede de serem felizes, condição fundamental para ser humano e humanizar. Estruturas rígidas, falta de diálogo e de participação, relacionamentos que não interagem, e sem qualidade, autoridade vertical sem discernimento, apostolados em que as leis primam sobre as pessoas, falta de opção pelos pobres, os pequenos e os excluídos, primazia do administrativo sobre o pastoral, ... todas coisas que tornam inviável uma Vida Consagrada verdadeiramente humana e sinal de humanismo. Não podemos esquecer o que disse Juan Ramón Moreno, um dos jesuítas assassinados em El Salvador, que: *“O elemento unificador da comunidade não é tanto a convivência, quanto o fixar juntos os olhares para o mundo, o povo, as pessoas, permitindo que esse povo de carne e osso, aquilo que configura nossa ação e nosso modo de vida, seja uma realidade concreta”*. São estas, sobretudo, as pessoas às quais nos sentimos enviados por vocação evangélica.

CONCLUSÃO

A Vida Consagrada tem diante de si um grande desafio. O mundo novo que já existe, necessita de uma humanidade nova que ainda não existe. A Vida Consagrada é uma célula de graça e de humanidade no organismo do mundo. Deveria apresentar-se como corpo bem compacto de fraternidade, nascido da graça gratuita e incondicional, e testemunha da humanidade de Deus, que se fez carne em Jesus, em meio de um mundo que se dessorça e despedaça.

A função que incumbe à Vida Consagrada é desafiante e difícil de praticar, mas não équívoca, utopia. É provável que nossa geração não veja os frutos do esforço que terá de empenhar para ser testemunha do Deus de Jesus, compassivo e samaritano; mas, nem por isso devemos cruzar os braços ou considerar o empreendimento irrealizável. Lembremos estas palavras de Eduardo Galeano, referindo-se à utopia: *“Ela está no horizonte, dou dois passos para me aproximar dela, e ela se afasta dois passos, dou dez passos para alcançá-la, e ela recua para dez passos mais longe. Por mais que tente chegar perto dela, nunca poderei alcançá-la. Para que serve a utopia? Para isto ela serve: para caminhar!”*

A paixão pela humanidade que nos deve caracterizar hoje é sobretudo ternura, solidariedade, proximidade, presença, acolhida, acompanhamento. Camus deu como exemplo de amizade verdadeira o de um homem cujo amigo fora encarcerado, e que todas as noites dormia no chão, para não gozar de uma comodidade de que o amigo estava privado. E o novelista acrescentou que a grande questão para nós homens que sofremos, é a mesma: *“Quem se deitará no chão por nós, para dormir ou descansar?”* E Kafka, nos legou uma descrição da noite de uma grande cidade, na qual apenas uma poucas pessoas vigiam, e a de um imenso acampamento no qual todos dormem, exceto algumas sentinelas. E se pergunta: *“Por que uns poucos ficam acordados enquanto todos os outros estão dormindo?”* E responde a si mesmo: *“É preciso que alguém vigie, que alguém esteja ali!”*

Quem sabe, não devemos nós, os religiosos e religiosas, ser os convocados para dormir no chão ou estar de vigia, e estar ali, como um modo evangélico privilegiado de servir a tantos irmãos e irmãs que, hoje, no mundo estão em busca de um sentido para suas vidas, e não encontram razões para viver e ter esperança? Acaso, somos nós os donos de todas as certezas, e não humildes buscadores que partilham com eles convicções e incertezas, dinamizados pela mesma sede? Por isso, com o poeta granadino Luis Rosales, podemos dizer:



LA SALLE



PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO

De noche iremos, de noche, Sin luna iremos, sin luna, Que para encontrar la fuente Sólo la sed nos alumbra.	De noite iremos, de noite, Sem luar nos iremos, sem luar, Pois, para encontrar a fonte, Apenas a sede nos alumia.
--	--

*Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, FSC
Superior Geral*